

Ídolos. Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal.

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | 7 de Dezembro 2021
Apresentação do catálogo da exposição.

Lara Bacelar Alves¹

Cumpre-me agradecer aos organizadores deste evento o convite estar aqui hoje, lamentavelmente não desse lado mas, daqui, quero cumprimentar os meus mui estimados colegas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa Profs. Carlos Fabião, João Pedro Ribeiro e Mariana Diniz, a Dra. Paula Mendes, representante da Unidade de Edição e Cultura da Imprensa Nacional Casa da Moeda e o Dr. António Carvalho, director do Museu Nacional de Arqueologia e co-responsável, com a Prof.^a Primitiva Bueno e Dr. Jorge Soler, pela parceria que resultou nesta verdadeira obra d'arte onde se coligem os resultados da investigação arqueológica portuguesa sobre o tema dos ídolos, complementando assim o guia da exposição.

Quando se folheia pela primeira vez esta obra cedo nos apercebemos que ela contém em si tudo para que se torne uma obra seminal da Pré-história peninsular e em aspectos que extravasam o domínio do conhecimento arqueológico mas que são fundamentais para a construção desse mesmo conhecimento. Alguns deles são desde logo desvelados nos oito prefácios² que sucessivamente vão abrindo a passagem ao conteúdo científico da obra e deles perpassa, não raras vezes em tom de sentida emoção, o louvor à colaboração institucional (com o envolvimento de 29 museus neste projecto); ao trabalho de equipa entre investigadores espanhóis e portugueses (quase 70!); a solidariedade; espírito de partilha (onde se inclui o papel do mecenato cultural); a colaboração intergeracional; o apreço e confiança mútuas. Estas expressões foram resgatadas das palavras dos responsáveis pelas principais entidades envolvidas na exposição Ídolos. Miradas (para uns), Olhares milenares (para outros). Ao longo das páginas deste catálogo e entre as linhas, o leitor verá que se vão manifestando estes e outros aspectos emergentes na

¹ CEAACP – Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra

² Graça Fonseca (Ministra da Cultura); Carlos Mazón Guixot (Presidente da Fundação C.V. MARQ e da Diputación de Alicante); Comunidad de Madrid; Bernardo Alabaça (Director-Geral do Património Cultural); Julia Parra Aparício (Vice-presidente da Fundação C.V. MARQ e deputada para a Cultura da Diputación de Alicante); Josep Albert Cortès I Garrido (Diretor Executivo da Fundación C.V. MARQ); António Carvalho (Director do Museu Nacional de Arqueologia); Manuel Olcina Domènech (Diretor do MARQ – Museu NArqueológico de Alicante); Enrique Baquedano (Diretor do Museu Arqueológico Regional da Comunidad de Madrid).

produção do conhecimento em Pré-história que indiciam, a meu ver, a consolidação de um período que poderá fazer virar uma página na história da Arqueologia em Portugal.

E queria deixar estas ideias aqui hoje porque me estou a dirigir também a uma nova geração de arqueólogos, futuros colegas, que se irão começar a aperceber de uma cada vez maior abertura à colaboração inter-universitária, uma mais ampla colaboração institucional, intergeracional e internacional, neste caso entre Portugal e Espanha, que se começou a fazer notar nos últimos 10-15 anos com projectos transfronteiriços tão importantes como a classificação do sítio com arte paleolítica de ar livre de Siega Verde, em Espanha, a Património Mundial da UNESCO como extensão do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Da minha experiência de trabalho no noroeste de Portugal, que, como sabemos, partilha com a Galiza realidades arqueológicas específicas, para além de colaborações em encontros científicos e livros editados nos quais investigadores portugueses e galegos dissertavam sobre as mesmas temáticas mas apresentavam os resultados dos seus trabalhos sobre sítios localizados do seu lado da fronteira, não houve até há meia dúzia de anos, projectos de investigação coordenados por equipas luso-galegas e, em consequência, é quase inexistente a produção científica resultante de trabalhos conjuntos sobre temáticas comuns - algo que hoje está a mudar e temos aqui presentes um dos responsáveis pelo projecto "Miño/Minho", o Prof. João Pedro Ribeiro.

Mas é também curioso notar como, por exemplo, nos ciclos académicos anglo-saxónicos, a expressão "Iberian Archaeology" ou "Iberian Prehistory" é usada há muitas décadas até para nomear disciplinas específicas em cursos universitários mas, aqui na península, esse conceito não tinha tradução prática, não era uma realidade efectiva, não se fazia arqueologia em cooperação. E a realidade é que, quer de um lado, quer do outro, vivemos longos anos com uma Arqueologia refugiada em nichos, fortemente compartimentada em todos os seus aspectos fundamentais:

- Em primeiro lugar, uma academia cujos trabalhos se dirigiam tradicionalmente a áreas geográficas determinadas, o que é de certa forma natural, mas que acabou por criar um lastro pesado dificultando a busca de saber na confrontação entre realidades geográficas e arqueológicas diversas (porque muito do saber nasce da confrontação com a diferença);
- Em segundo lugar, a promoção de uma investigação compartimentada temática e geograficamente, no sentido de uma especialização por vezes algo exacerbada (um tema, um período, um território, uma colecção) desviando o interesse em realidades congéneres e coevas que poderiam ser elucidativas de processos e dinâmicas para melhor enquadrar o diálogo entre diferentes materialidades presentes no contextos pré-históricos estudados.

Vemos, pois, nesta obra, o início do desmoronamento dessas fronteiras, as administrativas (entre países), que permite o entendimento destas peças, os ídolos, numa perspectiva supra-regional, entre 'escolas' ou 'escolas de pensamento' e entre as diferentes realidades arqueológicas que partilharam o mesmo tempo e contextos socio-culturais mas que eram com frequência estudadas separadamente. Da compartimentação temática estamos cada vez mais a perseguir uma perspectiva de cariz contextual, interpretativo, mas que não abandona o rigor técnico na obtenção e tratamento dos dados primários.

Nesta obra, a abordagem contextual é desde logo notória na relação que se estabelece entre as diversas categorias de peças de arte móvel (que no fundo são, como lhes chama António Valera, "verdadeiros monumentos móveis de pequena escala") e a arte rupestre, nomeadamente a tradição de arte esquemática peninsular que se prolonga desde o 5º milénio AC ao final do 3º e que, nestas fases finais, inclui pontualmente no seu acervo imagens dos próprios objectos (como é o caso dos chamados ídolos almerienses e placas de xisto, como sucede em Charneca Chica, Bajadoz) ou as componentes gráficas presentes nas decorações das peças de arte móvel – os oculados, que encontramos pintados nas escarpas da serra de Passos, mas também na decoração cerâmica, fazendo assim coincidir a área de distribuição da imagética dos ídolos à área de expansão da região biogeográfica Mediterrânica no Ocidente peninsular. E embora a presença das categorias clássicas desta arte móvel, ou seja, dos ídolos cilindros, estatuetas, bétilos, entre outros seja menos expressiva nas Beiras e nordeste transmontano, lembro que foi exumado no sítio com ocupação calcolítica da Quinta da Torrinha, no vale do Côa, o fragmento de uma peça classificada por António Faustino de Carvalho como a base de um 'ídolo de cornos'.

Parece, de facto, consensual que estas peças foram geradas no seio de dinâmicas sociais e culturais próprias de um tempo – os finais do 4º, estendendo-se ao longo do 3º milénio AC – e de um 'lugar' e esse lugar são as terras mediterrânicas que se estendem por toda a península, com a excepção do noroeste português, ocidente da Galiza e extremo norte – Astúrias e Cantábria.

Embora as fronteiras que estas peças tiveram de atravessar para estarem presentes, lado a lado, nas exposições de Madrid, Lisboa e Alicante não sejam as fronteiras do seu tempo, não significa que no seu tempo não as houvesse.

Já Orlando Ribeiro definira a separação entre o Portugal Atlântico e o Portugal Mediterrânico, isolando o primeiro na região a norte do Mondego e a ocidente do cordão montanhoso Galaico-Duriense formado pela serra do Gerês, Alvão, Marão, enquadrando então, as suas regiões periféricas - Estremadura portuguesa, Trás-os-Montes e as Beiras –no ambiente Mediterrânico ou, recorrendo aos conceitos usados pela moderna Geografia, na região biogeográfica Mediterrânica, berço dos ídolos e das realidades culturais a si associadas, designadamente a Arte Esquemática.

As regiões biogeográficas, referem-se a eco-regiões que partilham condições climáticas e suportam espécies com estratégias de adaptação similares, sendo estas características físicas influenciadoras das estratégias económicas, mecanismos sociais e da construção de paisagens culturais.

Já Orlando Ribeiro nos dizia que “Uma região geográfica se caracteriza não apenas pelas condições gerais de clima e posição, mas ainda pelas particularidades da natureza e do relevo do solo, o manto vegetal e as marcas da presença humana, nos darão o sentimento de não sairmos da mesma terra.” E, na realidade é essa mesma a sensação que temos quando estamos diante de um painel com Arte Esquemática pintada seja nos quartzitos da Galiza Oriental, da serra de Passos, do Alto Alentejo ou Extremadura espanhola... parece que não saímos da mesma terra

E é precisamente desde as terras Mediterrânicas do nordeste transmontano ao Algarve que nos levam o conjunto de autores que contribuíram para os 15 capítulos desta obra.

Levantando apenas a ponta do véu para incitar à leitura do livro, diria que nele figuram sínteses actualizadas dos grandes conjuntos portugueses caracterizados pela presença de uma diversidade de categorias de ídolos (com algumas predominantes) como sejam a colecção de Vila Nova de São Pedro, na Estremadura, apresentada por Andrea Martins, Mariana Diniz, César Neves e José Morais Arnaud; dos Perdigões, no Baixo Alentejo, por António Valera, onde a variedade dos locais de proveniência de matérias-primas das peças comprova as amplas redes de interacção transregional em que estiveram envolvidos todos os que percorreram e jazem nos Perdigões. António Valera refere-se a estas peças como sendo “objectos que simultaneamente captam, expressam e reproduzem o ‘espírito dos tempos’” e por isso, tal como assinalam os demais autores, desaparecem nos finais do 3º milénio. Acrescentaria, a título de curiosidade, tal como se diluem as grandes tradições de arte rupestre quer a Arte Esquemática pintada quer, no noroeste a Arte Atlântica, numa aparente ruptura com as ontologias ligadas a um mundo antigo que se começara a erguer nos alvares do Neolítico. Ainda sobre a apresentação das principais colecções, figuram os conjuntos identificados no território de Alcalar, no Algarve, estudados por Rui Parreira e Elena Morán.

Por oposição às colecções de peças de diversas categorias, o livro conta também com estudos dedicados a categorias específicas como os báculos, por João Luis Cardoso e o depoimento pessoal de Victor Gonçalves a propósito das placas de xisto gravadas do Ocidente peninsular, no qual se relewa o carácter iminentemente regional de peças cuja génese da sua criação, concepção e deposição se encontra no Alentejo Médio – com limitada expansão supra-regional. O autor

sintetiza muito da sua investigação de mais de duas décadas, enfatizando o percurso biográfico das peças, numa abordagem aos contextos da sua produção e de deposição nos monumentos megalíticos.

Mas a obra integra complementarmente olhares sobre peças individuais, nos contributos de António Faustino Carvalho e Mariana Diniz que nos apresenta, seguindo igualmente uma abordagem biográfica e evocadora dos sentidos, uma peça singular do neolítico antigo – a notável (e já bem conhecida) estatueta da Valada do Mato.

Por seu lado, reflexões em torno da relação entre a imagética presente nos ídolos e noutras manifestações móveis e imóveis, nomeadamente a arte rupestre e megalitismo, são explorados por Leonor Rocha, Jorge Oliveira, Maria de Jesus Sanches e seus colaboradores. Este último versa sobre os contextos mais a norte, nomeadamente sobre as superfícies do complexo da serra de Passos que se descobriu guardarem imagética que replica a decoração de peças móveis, particularmente dos ídolos oculados e da cerâmica simbólica. Traz-nos também a muito aguardada publicação dos seixos decorados que delimitavam o círculo lítico da mamoa de Chã d'Arcas 3.

Merece ainda destaque o contributo de Ana Catarina Sousa que nos oferece, a partir dos arquivos, uma notável perspectiva historiográfica onde correm a par, como a própria diz, a história das escavações e das recolhas que contribuíram para o acervo português ao longo de uns deveras impressionantes 430 anos e a história da sucessão das correntes interpretativas dos últimos 150. Por seu lado, o capítulo da autoria de Marco Andrade, Catarina Costeira e Rui Mataloto, foi concebido como uma síntese e reflexão em torno dos ídolos e figuras simbólicas identificados exclusivamente em contextos habitacionais dos finais do 4.º e ao longo do 3.º milénio a.n.e. no Sul de Portugal.

Muitos dos aspectos abordados pelos diversos autores estão contidos e são ampliados no artigo de síntese da autoria de Primitiva Bueno e Jorge Soler que inaugura a obra e no qual se apresenta uma proposta interpretativa na qual se quebram as fronteiras do tempo, do espaço, dos conceitos, oferecendo uma visão contextual destas realidades no tempo longo. Os mesmos autores, comissários científicos da exposição e coordenadores deste livro, encerram-no, juntamente com Angel Rocamora, autor do projecto museográfico, transportando-nos de volta à sala dos Jerónimos do Museu Nacional de Arqueologia para uma visita guiada à exposição.

Passando do conteúdo à forma, gostaria de sublinhar a beleza estética desta obra que paraleliza com a beleza estética das peças que a inspiraram – ressalta, de facto, a elevadíssima qualidade gráfica desta edição de parceira com a Imprensa Nacional e o exímio trabalho fotográfico dos profissionais da DGPC e do Museu Nacional de Arqueologia.

Correndo o risco de tornar esta afirmação num lugar comum, não tenho qualquer dúvida que este livro se tornará numa obra seminal da Arqueologia peninsular e que passará certamente a obra de leitura académica obrigatória.

Em suma, a primeira ideia suscitada pela leitura desta obra que quis reter aqui foi o do seu contributo para a quebra de diversas fronteiras nos modos de fazer Arqueologia no espaço peninsular. A segunda prende-se com a diversidade e complementaridade de leituras que oferece, no diálogo entre diferentes correntes de pensamento e abordagens metodológicas por onde cada vez mais se encontram linhas de convergência. E é no ímpeto de perseguir esses encontros que se manifesta a maturidade académica e da investigação científica: colaborar, convergir, partilhar, debater, sair da zona de conforto para aprender continuamente com a diferença...

Para terminar, resta-me felicitar os autores que deixaram aqui o eu contributo e todos os envolvidos. Foi uma honra apresentar este livro que expressa a forma como se faz hoje Arqueologia em Portugal, na senda desse equilíbrio entre o rigor do registo, a reflexão epistemológica e a interpretação, dando a atenção devida ao nosso passado historiográfico, aos seus ensinamentos, no fundo, ao como chegámos até aqui...